

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL - UNIJUÍ

SANDRA REGINA SANTOS

**NARCISISMO: REFLEXÕES SOBRE UM FENÔMENO CARACTERÍSTICO DO  
LAÇO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS**

IJUÍ - RS  
2023

SANDRA REGINA SANTOS

NARCISISMO: REFLEXÕES SOBRE UM FENÔMENO CARACTERÍSTICO DO  
LAÇO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, como requisito parcial à conclusão de curso e consequente obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Ma. Elisiane Felzke Schonardie Costantin

IJUÍ - RS

2023

SANDRA REGINA SANTOS

NARCISISMO: REFLEXÕES SOBRE UM FENÔMENO CARACTERÍSTICO DO  
LAÇO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Profa. Orientadora Ma. Elisiane Felzke  
Schonardie Costantin

---

Membro da banca Ma. Sonia Aparecida da  
Costa Fengler

Ijuí - RS, 11 de dezembro de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, tornando possível a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, quero agradecer a minha orientadora e supervisora, professora Elisiane Schonardie Constantin, por sua orientação valiosa, paciência e apoio constante ao longo deste processo. Suas sugestões e orientações foram fundamentais e cruciais para o aprimoramento e qualidade final deste trabalho.

Agradeço também a todo corpo docente que compõe o Curso de Psicologia por ser um grupo coeso, forte, responsável e bem estruturado, além de ser exemplo de referência.

Agradeço também à instituição de ensino, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, por proporcionar o ambiente propício para o aprendizado e pesquisa, além de disponibilizar recursos e infraestrutura que foram fundamentais para a realização deste projeto.

Agradeço também a minha banca examinadora, que dedicou seu tempo para avaliar minha pesquisa. Suas contribuições serão essenciais para meu aprendizado e certamente levarei para minha vida profissional, e que vai reverberar em meu desempenho no fazer da Psicologia.

Aos meus amigos e familiares, que me apoiaram incondicionalmente ao longo dessa jornada acadêmica, agradeço por seu amor, compreensão e incentivo, em especial aos meus filhos Nicolás e Maria Eduarda, bem como ao meu namorado Jonas Francisco, que sempre tiveram paciência para ouvir o que eu tinha a falar, apesar dos pontos de vista diferentes que possuímos. Obrigado por compreenderem as longas horas de estudo e pela constante motivação. Este trabalho é dedicado a vocês, pois foram fontes de inspiração e força nos momentos desafiadores.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o êxito deste trabalho. Cada um de vocês desempenhou um papel significativo em minha jornada acadêmica, e sou grata por terem compartilhado este caminho comigo.

Obrigado a todos por tudo!

## RESUMO

O presente trabalho aborda as relações contemporâneas no contexto do narcisismo, buscando refletir de que forma essa característica psicológica influencia e produz implicações nas interações sociais atuais. Utilizando uma abordagem qualitativa e adotando a revisão narrativa da literatura como método, a pesquisa examina as implicações do narcisismo nas dinâmicas interpessoais, destacando como a busca por auto satisfação e reconhecimento pode moldar as relações humanas. A partir de uma perspectiva psicanalítica se buscou analisar através de obras de Freud e Lacan o narcisismo no processo de estruturação do Eu. Partindo do pressuposto da Psicanálise de que o “narcisismo é um atributo natural de todo ser humano”, propomos contextualizar esse conceito a fim de examinar o narcisismo contemporâneo, buscando fazer articulações teóricas com as obras dos supracitados autores, além de contribuições de teóricos contemporâneos como Bauman, Debord, entre outros, que corroboram com a temática em questão.

**Palavras-chave:** Narcisismo; psicanálise; contemporaneidade.

## **ABSTRACT**

The present work addresses contemporary relationships in the context of narcissism, seeking to reflect on how this psychological characteristic influences and produces implications in current social interactions. Using a qualitative approach and adopting narrative literature review as a method, the research examines the implications of narcissism on interpersonal dynamics, highlighting how the search for self-satisfaction and recognition can shape human relationships. From a psychoanalytic perspective, we sought to analyze narcissism in the process of structuring the Self through the works of Freud and Lacan. Based on the assumption of Psychoanalysis that "narcissism is a natural attribute of every human being", we propose to contextualize this concept in order to think about contemporary narcissism, seeking to make theoretical articulations with the works of the aforementioned authors, as well as contributions from contemporary theorists such as Bauman, among others, who corroborate the theme in question.

**Keywords:** Narcissism; psychoanalysis; contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
1.1	INTRODUÇÃO AO NARCISISMO.....	8
1.2	NARCISISMO E A ESTRUTURAÇÃO DO EU EM FREUD.....	9
1.3	O ESTÁDIO DO ESPELHO COMO FORMADOR DO EU: CONTRIBUIÇÕES DE JACQUES LACAN.....	24
<b>2</b>	<b>NARCISISMO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE UM FENÔMENO CARACTERÍSTICO DO LAÇO SOCIAL.....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na trajetória da compreensão da psique humana, o Narcisismo emerge como um fenômeno complexo, profundamente enraizado na construção do Eu e suas relações com o mundo, além de desempenhar um papel significativo na psicanálise ao influenciar diversos processos subjetivos. A abordagem proposta incorpora as contribuições fundamentais da Psicanálise sob a ótica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, cujas teorias desvelam a intrincada “rede” psíquica que sustenta o desenvolvimento do Eu. Este trabalho intenciona uma análise aprofundada do Narcisismo na contemporaneidade, examinando suas implicações nas relações sociais.

Ao longo das décadas, as transformações sociais têm moldado não apenas os contornos do Narcisismo, mas também a forma como este fenômeno se manifesta no indivíduo moderno. Nesse contexto, Zygmunt Bauman, renomado sociólogo contemporâneo, oferece uma lente única para compreender o narcisismo na era líquida, caracterizada pela fluidez e transitoriedade das relações humanas. O diálogo entre as perspectivas psicanalíticas de Freud e Lacan e a análise sociológica de Bauman propicia uma compreensão do fenômeno Narcisismo no laço social, contextualizando-o no cenário do sujeito psíquico do século XXI.

Este estudo buscará desvendar as dinâmicas psíquicas subjacentes ao Narcisismo, explorando como as teorias freudianas e lacanianas podem iluminar a compreensão do Eu na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, será crucial examinar as contribuições de Bauman e outros autores contemporâneos para situar o Narcisismo em um contexto sociocultural em constante mutação. A interseção dessas abordagens permitirá não apenas uma análise crítica do Narcisismo, mas também oferecerá insights valiosos sobre as implicações desse fenômeno nas complexas “teias” das relações sociais contemporâneas.

Esse trabalho visa contribuir para pesquisas futuras sobre o assunto, ao mesmo tempo em que reúne conteúdo que pode ser aproveitado por aqueles que intencionam se aproximar da teoria de Freud e Lacan acerca dos processos psíquicos que se articulam para estruturação do Eu, bem como das formulações de Bauman sobre o novo modelo de sociedade líquida que afeta diretamente as relações sociais contemporâneas, e que favorecem para a fragilização do sujeito do século XXI. Ademais, o compilado de material apresentado corrobora para a



elaboração de novas pesquisas. Para elaborar esta produção fizemos um levantamento bibliográfico, onde foram utilizados artigos científicos, livros e dissertações que tratassem da temática em questão.

A partir disso, a proposição intenciona entrelaçar as ideias dos autores a fim de promover o entendimento acerca do fenômeno narcisismo no contexto contemporâneo.

## 1.1 INTRODUÇÃO AO NARCISISMO

A obra seminal de Freud sobre o narcisismo, apresentada em 1914, oferece uma profunda análise das percepções do autor sobre esse fenômeno intrincado que empresta seu título ao texto. No entanto, vale ressaltar que as raízes conceituais do narcisismo já se encontravam dispersas nas obras anteriores de Freud, como evidenciado em suas reflexões sobre *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), *Totem e tabu* (1913), e nas observações psicanalíticas sobre casos específicos, como o notável *O caso Schreber* de 1911 (2010).

Ao buscar elucidar as críticas dos teóricos Jung e Adler sobre as alegações de Freud quanto ao caráter sexual da libido, o texto de 1914 não apenas consolida as ideias do autor sobre o narcisismo, mas também oferece respostas fundamentadas. Não obstante, é crucial observar que o termo narcisismo não é exclusivo de Freud, pois o psiquiatra Paul Näcke já o havia mencionado em 1899 em suas investigações sobre perversões sexuais. Näcke descreveu o narcisismo como uma conduta na qual o indivíduo trata seu próprio corpo como objeto sexual, um conceito que Freud posteriormente desenvolveu e refinou.

Além disso, é imperativo reconhecer que as contribuições de Freud sobre o narcisismo transcendem a mera exposição teórica. Sua obra não apenas desafia concepções anteriores sobre o Eu como um não objeto de investimento libidinal, mas também desencadeia uma profunda reavaliação teórica das pulsões. A influência do artigo sobre narcisismo de 1914 é evidente não apenas na estruturação do sujeito, mas também na inauguração da segunda tópica freudiana. Este texto não é apenas um ponto de virada nas formulações teóricas existentes, mas também serve como fonte inspiradora para escritos subsequentes de Freud, como é perceptível no texto *Luto e melancolia* de 1917 (2016).

Assim, a reflexão de Freud sobre o narcisismo emerge como um divisor de águas no campo das pulsões, gerando uma distinção crucial entre a libido do eu e a libido de objeto. Este trabalho não apenas amplia nosso entendimento acerca do narcisismo, mas também redefine as fronteiras conceituais que moldam a teoria psicanalítica.

## 1.2 NARCISISMO E A ESTRUTURAÇÃO DO EU EM FREUD

O termo “narcisismo” advém do mito de Narciso, personagem que nasce da história narrada pela Mitologia Grega. A história conta que Narciso era um jovem e belo rapaz que captura o amor de uma ninfa chamada Eco, todavia, esse amor é desprezado pelo rapaz, o que traz sérias consequências a ele, como o castigo a se apaixonar pela sua própria imagem refletida nas águas de um lago, quando por ocasião se olha nesse reflexo. Neste sentido, o “mito de Narciso” retrata o “enamoramento” de um indivíduo por si, evidenciando uma abordagem convergente ao conceito de narcisismo na atualidade.

Freud utilizou esta narrativa grega para desenvolver um conceito que já estava estruturado, com base em sua experiência com pacientes ao longo de sua trajetória clínica. Sabe-se que Freud atendia na sua maioria pacientes neuróticos, porém, é ao deparar-se com alguns obstáculos trazidos pela clínica das psicoses, que o autor decide rever determinados conceitos teóricos. Freud toma as observações em pacientes esquizofrênicos, na vida mental das crianças e dos povos primitivos para desenvolver o conceito de narcisismo.

O conceito de narcisismo foi formulado por Freud a partir de um motivo crucial sobre como incluir a esquizofrenia sob a hipótese da teoria da libido. Devido às inquietações clínicas e teóricas acerca dessa perspectiva, Freud inicia uma linha de pensamento constituída pelas indagações sobre pacientes esquizofrênicos. Quando isso acontece, surge a ideia de duas características fundamentais destes pacientes: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas) (Freud, 2010 [1914-1916]). Quando o interesse pelo mundo externo acontece, esses pacientes escapam da influência da psicanálise, impedindo-os de serem curados por qualquer esforço do analista. Todavia, a tentativa de cura

pretende reconduzir a libido ao objeto. Eis que aqui surge a questão: “Qual o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia?” (Freud, 2010 [1914-1916], p. 16).

A partir deste ponto surge a percepção de um retorno da libido ao Eu, e propondo uma explicação ao questionamento anterior, Freud postula que:

A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar narcisismo. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias (Freud, 2010 [1914-1916], p. 16).

Cabe ressaltar que dois textos escritos por Freud contrapõem a ideia de narcisismo. No texto que marca *O caso Schreber* (1911 [2010]), Freud estabelece o narcisismo como um estágio intermediário entre autoerotismo e amor objetal, o que mais tarde, no texto *Totem e tabu* (1913), o autor dispensa essa ideia e reformula-o, passando a estabelecê-lo como uma estrutura permanente que continua existir ao longo de toda história do sujeito, mesmo após posteriores reestruturações libidinais.

Sobre o *Caso Schreber* é retratado teoricamente o estudo da psicose do então presidente Schreber, onde Freud postula que o narcisismo é um estágio normal da evolução da libido, considerando que o termo “libido” designa a energia sexual que parte do corpo e investe nos objetos. Neste ponto, Freud estabelece que o narcisismo é uma fase no desenvolvimento psicosexual do indivíduo que vai sintetizar as pulsões sexuais de autoerotismo, a fim de conquistar um objeto de amor, para tanto, toma a si mesmo por objeto (próprio corpo), antes mesmo de eleger um objeto externo. Neste ponto Freud esclarece sobre o narcisismo:

[...] Consiste em que o indivíduo em desenvolvimento sintetiza em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, para ganhar um objeto de amor, toma primeiro a si mesmo, ao seu próprio corpo, antes de eleger um objeto alheio. Uma fase assim, mediadora entre autoerotismo e o amor objetal, é talvez indispensável normalmente (Freud, 2010 [1914-1916], p. 56).

No que concerne ao texto subsequente *Totem e tabu* (1913), Freud realiza uma reconfiguração conceitual da noção de narcisismo, estabelecendo e postulando que:

Embora não nos seja possível dar uma característica suficientemente precisa desse estágio narcisista, no qual os impulsos sexuais<sup>1</sup> até então dissociados se reúnem numa unidade e investem o Eu como objeto, já suspeitamos que organização narcisista nunca mais seja inteiramente abandonada. O ser humano permanece em certa medida narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para sua libido; os investimentos objetais que ele empreende são, por assim dizer, emanações da libido que restou no eu, e podem ser novamente recolhidos nesta (Freud, 2013 [1913], p. 143).

Para a psicanálise o narcisismo é uma aptidão natural de todo ser humano, e está associado diretamente ao desenvolvimento da libido, porém, o que seria natural pode converter-se em patologia quando se torna excessivo, fora de controle, o que de certa forma altera a conduta do sujeito frente às relações interpessoais no contexto ético e cultural (Ullrich; Rocha, 2019). A fim de propor uma reflexão, Freud elabora a seguinte questão:

[...] de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e, é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar (Freud, 2010 [1914-1916], p. 29).

Sem dúvida o texto de Freud de 1914, *Uma introdução ao narcisismo*, foi um dos pilares da sua teoria sobre as pulsões. Baseado em observações feitas pelo autor em seus atendimentos clínicos, ele constatou que a conduta narcísica nos neuróticos suscita uma intensa resistência transferencial, porém, não suspendem a relação erótica com pessoas e coisas, direcionando a libido retirada dos objetos para os objetos da fantasia, ou seja, substituem objetos reais por imaginários de sua lembrança.

Freud (1914), em sua teoria sobre o narcisismo, o distinguiu em dois tipos: o narcisismo primário e o narcisismo secundário. Nesse artigo dedicado à introdução ao narcisismo, Freud concebeu a ideia de que “[...] o narcisismo primário é um estado que não podemos observá-lo diretamente, mas cuja hipótese devemos formular por um raciocínio recorrente” (Poulichet, 1989, p. 48). Consoante a isso, Freud acrescenta que:

---

<sup>1</sup> O termo "impulso sexual" foi inicialmente introduzido por Freud e, mais tarde, substituído por "pulsão sexual" em traduções subsequentes. Na presente pesquisa, optou-se por manter o uso que originalmente surge nas referências utilizadas, preservando assim a fidelidade às ideias do autor e do tradutor do livro. Essa escolha visa proporcionar uma compreensão mais contextualizada das teorias e conceitos que fundamentam esta investigação.

[...] uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos<sup>2</sup> são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (Freud, 2010 [1914-1916], p.18-19).

Sendo assim, segundo Poulichet (1989), Freud caracteriza o narcisismo primário como um tipo de satisfação libidinal autoerótica, ou seja, o prazer que um órgão retira do próprio corpo. Nesta fase primária do narcisismo o Eu ainda não está constituído, e os objetos investidos pelas pulsões são as próprias partes do corpo.

Desta forma, é preciso adentrar nas primeiras formulações de Freud acerca da libido. O termo libido vem designar as pulsões sexuais dos seres humanos, que podem tanto serem dirigidas ao Eu ou aos objetos, porém, ao estudar o narcisismo, Freud pontua que na escolha de objeto pela criança (e o adolescente), a libido toma como objetos sexuais as suas experiências de satisfação. Desta forma, as primeiras satisfações sexuais autoeróticas estão relacionadas à conexão com funções vitais de autoconservação, marcando o início das pulsões sexuais apoiadas na satisfação do Eu.

É pertinente estabelecer que, primeiramente, a fonte de objeto sexual da criança é aquele(a) responsável pela sua nutrição, cuidado e proteção, podendo ser a mãe ou quem a representa. Freud (2010 [1914-1916]), denominou como “tipo de apoio” a esta categoria e fonte de escolha de objeto. Posto isso, a pesquisa analítica levou Freud a conhecer outro tipo e fonte de escolha de objeto, onde esta configuração destaca pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu algum tipo de perturbação (homossexuais e perversos), o que os levou a não escolherem seu posterior objeto de amor baseados no modelo da mãe, mas conforme a si mesmos. São pessoas que buscam claramente a si como objeto de amor, evidenciando um tipo de escolha que Freud denominou “tipo narcísico”. A observação desses eventos fortaleceu a hipótese de Freud sobre o narcisismo em seu artigo de 1914.

Segundo Freud (1914), o ser humano possui originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, o que pressupõe o narcisismo primário de

---

<sup>2</sup> O termo "instinto autoerótico", originalmente proposto, evoluiu para "pulsão autoerótica" nas obras subsequentes. Optou-se, nesta pesquisa, pela utilização do termo original, "instinto autoerótico", com o intuito de preservar a fidelidade à terminologia empregada pelo autor e tradutor em sua apresentação no livro. Essa escolha busca manter a coesão conceitual e a historicidade do pensamento, permitindo uma compreensão mais precisa do contexto teórico subjacente ao termo no momento de sua introdução.

todo ser humano, podendo eventualmente expressar-se predominantemente nas suas escolhas de objeto.

Inicialmente o corpo é um organismo desorganizado, regido e estimulado pelas pulsões. Sequencialmente, obedecendo à ordem maturacional, esse corpo passa do estágio de autoerotismo(desorganizado) para o estágio mais organizado denominado organização do “eu”, cujo indivíduo produz a sua primeira representação, derivada da identificação primária. Freud corrobora com essa formulação na medida que pontua sobre essa identificação, ressaltando que esta acontece por meio da interação do indivíduo com as ações de outras pessoas, que, na maioria das vezes, se dá em contato com as figuras parentais, causando neste indivíduo a primeira imagem unificada de si mesmo (Freud, 2010 [1914-1916]).

Sobre o narcisismo primário, Freud afirma que:

[...] os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições - que um observador neutro nelas não encontraria - e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos (Freud, 2010 [1914-1916], p. 37, grifo do autor).

Assim, podemos perceber que o narcisismo primário é uma fase temporária, cuja influência do contato da criança com o meio circundante, com as regras morais, sociais, com a cultura e as interdições, possibilita a saída deste processo. Freud (2010 [1914-1916], p. 39) afirma que “[...] as pulsões da libido sofrem destino da repressão patogênica, quando entram em contato com as ideias morais e culturais do indivíduo”.

Certamente, podemos afirmar que a repressão está sob o controle do Eu, e que se origina a partir deste, mas precisamente do autorrespeito desse Eu. Sobre isso Freud afirma que “as mesmas impressões, vivências, impulsos e desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes” (Freud, 2010 [1914-1916], p.40).

Acrescentamos aqui uma explicação pela teoria da libido, que enquanto uma erigiu um ideal dentro de si, pelo qual vai medir o seu eu atual, à outra falta essa formação de ideal (Freud, 2010 [1914-1916]). Neste sentido, para o Eu a formação do ideal seria a condição para a repressão. Sobre este eu ideal Freud acrescenta:

A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante o seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 2010 [1914-1916], p. 40).

Podemos considerar que o Eu ideal se estabelece na fase do narcisismo primário, enquanto o ideal do Eu surge como produto do narcisismo secundário. Segundo Ullrich e Rocha (2019), o narcisismo secundário acontece a partir do investimento na imagem do eu, sendo esta é formada através das identificações do eu com as imagens dos objetos. Consoante a isso, Freud acentua que o narcisismo secundário é apreendido como aquele “[...] que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (Freud, 2010 [1914-1916], p. 16).

Poulichet (1989, p. 50-51), corrobora com a ideia de que “[...] é necessário que se produza um retorno do investimento dos objetos, transformado em investimento do eu, para que se constitua o narcisismo secundário”. Sendo assim, o ideal do Eu, vai reger o narcisismo secundário.

Eis que aqui surge uma indagação: Por que a criança sai do narcisismo primário?. A fim de responder tal proposição, Poulichet postula que:

A criança sai dele quando seu eu se vê confrontado com um ideal com o qual tem de se comparar, ideal este que se formou fora dela e que lhe é imposto de fora. Com efeito, a criança é progressivamente submetida às exigências do mundo que a cerca, exigências estas que se traduzem simbolicamente através da linguagem. A mãe fala com ela, mas também se dirige a outras pessoas. Assim, o filho percebe que ela também deseja fora dele e que ele não é tudo para ela: essa é a ferida infligida ao narcisismo primário da criança. A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor; mas isso só pode ser feito através da satisfação de certas exigências, as do ideal do eu (Poulichet, 1989, p. 51).

O narcisismo secundário pode ser considerado um estado que não está apenas ligado à regressão, mas a uma estrutura permanente do indivíduo. No plano econômico, existe uma balança energética entre os investimentos de objeto e os investimentos do Eu, se uma enriquece, a outra empobrece e vice-versa. Já no plano tópico, o ideal do eu representa uma formação narcísica que nunca é abandonada.

Conforme Poulichet (1989), a transição para o narcisismo secundário pressupõe dois movimentos: no primeiro deles o sujeito direciona suas pulsões sexuais parciais (relacionadas a diferentes partes do corpo, não apenas aos órgãos genitais) num objeto específico, que antes era percebido no próprio corpo; a libido (energia sexual) é direcionada para o objeto externo, em vez de ser voltada para o próprio corpo. Isto ocorre porque a fase onde as zonas genitais se tornam a principal fonte de prazer, ainda não foi estabelecida. O segundo movimento acontece *a posteriori*, quando os recursos investidos retornam ao Eu. Nesse momento a libido passa a considerar o Eu como seu objeto.

Concomitante a isso, Freud (2010 [1914-1916], p. 48) traz a ideia de que “[...] para que o Eu se desenvolva há a necessidade de um distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo”. Neste sentido, Poulichet esclarece:

[...] o eu "aspira intensamente" a reencontrá-lo, e para isso, para recuperar o amor e a perfeição narcísica, passa pela mediação do ideal do eu. O que fica perdido é o imediatismo do amor. Enquanto, com o narcisismo primário, o outro era o si mesmo, a partir daí só é possível experimentar-se através do outro. Mas o elemento mais importante que vem perturbar o narcisismo primário não é outra coisa senão o "complexo de castração". É através dele que se opera o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica (Poulichet, 1989, p. 51).

Nesse contexto, Freud formula a ideia de superfície corporal, e em consonância com essa proposição está a criação de uma imagem de corpo e a identificação com a mesma. No tocante à relação Eu-corpo, Freud (1923-1925) destaca que o Eu é fundamentalmente um eu físico, não meramente uma entidade superficial, mas sim uma manifestação de superfície em si mesmo. Ademais, o autor também corrobora com a ideia de que o corpo se constitui não apenas de uma forma



biológica, mas se estrutura na medida que se dá o reconhecimento e a participação da alteridade. Sobre o corpo Freud aponta que:

O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensação, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira como o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira como, em geral, chegamos à ideia de nosso corpo (Freud, 2010[1923], p. 68).

A partir das referências mencionadas, compreendemos formulações essenciais que destacam a relação entre o narcisismo, a construção do Eu, a imagem corporal, a identificação a uma imagem e a distinção entre o interno e o externo. Assim, é o narcisismo que vai distinguir o que é interno e externo, a partir do entendimento de uma unidade corporal.

Desta forma, podemos acrescentar que Freud, influenciado por suas próprias ideias, elaborou *Os instintos e seus destinos* (1915) para detalhar os mecanismos de introjeção e projeção após seus escritos em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Como já vimos anteriormente, Freud descreve o narcisismo como um estado onde o Eu se encontra investido libidinalmente, e por vezes é capaz de satisfazer suas pulsões em si mesmo, e de autoerotismo a possibilidade de satisfação. A partir destas formulações Freud (1915), passa a descrever como ocorrem os mecanismos de projeção e introjeção, determinando que:

Na medida em que é autoerótico, o Eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do Eu, e portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio do prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expulsa de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer (Freud 2010 [1914-1916], p. 74-75).

A partir das duas polaridades — prazer, desprazer — o Eu vai produzir uma análise minuciosa no que tange a sua relação com o mundo externo, onde a fonte que oferece prazer será introjetada e incorporada ao Eu, enquanto que a fonte de

desprazer causará repulsa com forte tendência ao distanciamento. Uma parte integrante do próprio eu ficará segregada, e será lançada ao mundo externo, sendo percebida como inimiga.

Então, verifica-se que estes dois processos, projeção e introjeção relacionam-se ao que foi postulado por Freud no texto supracitado no que se refere ao “amor” e ao “ódio”, e assim pode-se compreender como esses elementos constituídos se enlaçam nesses mecanismos.

Freud (1915) assinala que o “amar” se relaciona com três polaridades, ou seja, três oposições: amor-ódio; amar-ser-amado e amor e ódio. Se considerados em conjunto, contrapõem-se ao estado de indiferença ou a ausência de sensibilidade. Desta forma, Freud assinala que:

[...] o objeto é levado ao Eu, desde o mundo exterior, primeiramente pelos instintos de autoconservação, e não se pode descartar que também o sentido original do ódio designe a relação para com o mundo exterior alheio e portador de estímulos (Freud, 2010 [1914-1916], p. 75-76).

Acrescente-se a isso, elaborações que Freud construiu na relação do Eu com o objeto:

[...] quando o objeto se torna fonte de relações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos (Freud, 2010 [1914-1916], p. 76).

No que tange ao desprazer gerado na relação do Eu com o objeto, Freud acrescenta:

É possível dizer que uma pulsão, se necessário, que ela “ama” o objeto que procura para a sua satisfação. Que uma pulsão “odeie” um objeto, porém, é algo que nos soa estranho, de modo que atentarmos para o fato de que as designações amor e ódio não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, sendo reservadas para relação do Eu total com os objetos (Freud (2010 [1914-1916], p.76-77).

Os processos de projeção e introjeção estão efetivamente vinculados à constituição do Eu. Desta forma, todo o arcabouço teórico que Freud desenvolveu ao longo de sua jornada clínica, contribuiu de forma relevante para a teoria

psicanalítica. Isto posto, vale ressaltar que o conceito do Eu desenvolvido por Freud sofreu alterações/reformulações no decorrer do tempo, corroborando para uma visão mais pontual e elucidativa sobre os processos psíquicos do sujeito, e, que proporcionaram um desenvolvimento mais abrangente desta teoria. Tendo em vista a mudança para a segunda tópica freudiana, esta proporcionou um maior entendimento dos processos psíquicos do ser humano. Todavia, a segunda tópica não anula a elaboração da primeira, mas corrobora para um melhor entendimento acerca de alguns entraves teóricos existentes.

Durante a primeira tópica, Freud desenvolveu uma perspectiva teórica que visava entender os processos psíquicos a partir de três mecanismos - Inconsciente; Pré-Consciente e Consciente. Estes três mecanismos eram regidos respectivamente pelos processos primários e secundários. Os processos primários seriam regidos pelo princípio do prazer e estavam relacionados ao inconsciente, enquanto os processos secundários seguiam regidos pelo princípio da realidade, orquestrados pelo Consciente e Pré-Consciente.

A partir da segunda tópica, houve uma reelaboração da teoria psicanalítica, o que resultou em uma reestruturação dos processos psíquicos, dando origem às instâncias psíquicas Eu, Supereu e Isso. A fim de entendermos mais profundamente o conceito de Eu, Freud corrobora com escritos no texto *O ego e o id*<sup>3</sup> (1923-1925), pontuando significativamente. No que concerne ao Eu, nas formulações elaboradas na segunda tópica, Freud (1923-1925) assinala que:

É fácil entender que o Ego é parte do Id que foi modificada influência direta do mundo exterior, com mediação do *Pcpt-Cs.*; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo exterior ao Id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestitidamente no Id, pelo princípio da realidade. Para o Ego, a percepção desempenha o papel que no Id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o Id, que contém as paixões (Freud 1996 [1923-1925], p. 39).

---

<sup>3</sup> No âmbito desta pesquisa, destaca-se que os termos "Superego", "Ego" e "Id" foram adotados conforme apresentados no texto "O Ego e o Id" da editora Imago (1996 [1923-1925]). É relevante salientar que, em outras partes deste estudo, são empregados os termos atualizados "Supereu", "Eu" e "Isso", refletindo as modificações ocorridas ao longo das traduções e edições subsequentes. Esta escolha se limita à referência específica ao mencionado texto, visando manter a coesão interna e respeitar a terminologia originalmente utilizada por Freud na obra em questão.

Ainda no texto *O ego e o id* (1923-1925), Freud lança proposições acerca do Eu, onde assevera que este possui uma parte que é inconsciente, e estabelece linhas paralelas entre o que postulou na primeira tópica com a nova formulação da segunda tópica. Ademais, Freud (1996 [1923-1925], p. 41) pontua que “[...] não apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente”. Diante disso, Freud (1923-1925), sustenta a ideia de que o Eu consciente, é, sobretudo, um Eu corporal. Para tanto o Eu se estrutura com uma parcela inconsciente, e também é objeto de investimento libidinal.

Freud entendia que o Eu não era uma entidade que existia desde o início, precisava ser desenvolvido. Baseado neste princípio, o autor vai em busca de maiores investigações que pudessem corroborar com suas formulações. Para efetivar suas conjecturas, Freud busca no entendimento acerca da melancolia respostas que pudessem fortalecer a sua tese elaborada sobre o narcisismo. No texto *Luto e melancolia* (1917), Freud faz uma retomada sobre o narcisismo proposto no artigo de 1914, e traz formulações sobre o Ideal do Eu.

Inicialmente, no texto *Luto e melancolia* (1917), Freud vai trabalhar acerca do que seria a melancolia, e postula que:

A melancolia se caracteriza psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição da capacidade para a realização e pelo rebaixamento da autoestima, que se expressa em autorrecriações e autoinsultos, até atingir a expectativa delirante de punição (Freud, 2016 [1917], p. 100).

É pertinente que se observe que a melancolia está associada a perda do objeto e o trabalho que permeia essa perda. O processo melancólico se dá em função da identificação narcísica do sujeito com o objeto perdido. Para esclarecer o processo subsequente à perda do objeto na melancolia, Freud expõe:

O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, porém a libido livre não se deslocou para outro objeto, mas se recolheu no Eu. Lá, no entanto, ela não encontrou uma utilidade qualquer, mas serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. A sombra do objeto caiu sobre o Eu, que agora pôde ser julgado por uma instância especial, como um objeto, como o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou em uma perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, em uma cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (Freud, 2016 [1917], p. 107).

Assim, partindo da premissa de que no estado da melancolia o sujeito se identifica com o objeto, a sua perda resulta na diminuição da autoestima, na restrição de atividades e na perda do interesse pelo mundo externo. A libido até então investida no objeto perdido ao invés de ser deslocada para outro objeto, retorna para o Eu. Podemos compreender que na melancolia acontece a perda do Eu, na medida em que este se encontra identificado narcisicamente com o objeto perdido. Sobre a melancolia, Poulichet (1989) pontua que o investimento do objeto volta-se para o eu, deixando a sombra do objeto recair sobre o Eu.

Após os estudos sobre a melancolia, Freud propôs enunciados que claramente surgiram a partir destas reflexões, sobretudo acerca do narcisismo, onde asseverou que “o narcisismo do Eu é um narcisismo secundário, retirado dos objetos, e que a libido que aflui para o Eu pelas identificações constitui seu narcisismo secundário” (Poulichet, 1989, p. 54-55).

Como citado anteriormente, a identificação passa pela relação com objeto. Nesse sentido, quando o objeto é perdido o Eu se empobrece, no caso da melancolia há um rebaixamento da autoestima do Eu e conseqüentemente seu empobrecimento. Sobre o empobrecimento do Eu na relação de perda do objeto na melancolia, Freud acrescenta:

Se escutarmos pacientemente as múltiplas autoacusações do melancólico, não conseguimos no final conter a impressão de que as mais violentas entre elas frequentemente se adequam muito pouco à sua própria pessoa, mas que, com ligeiras modificações, podem ser adequadas para outra pessoa que o doente ama, amou ou devia amar (Freud, 2016 [1917], p. 105).

É pertinente observarmos que entre os textos publicados por Freud existe um enlace teórico que proporcionou elaboração de novos conceitos. Ao que Freud postulou no texto *Luto e melancolia* (1917), acerca do conceito de identificação proporcionou uma conexão e um continuação no desenvolvimento teórico que encontramos em outros textos como em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) e o no texto *O ego e o id* (1923). Um arcabouço teórico que reverberou e influenciou novas perspectivas clínicas do referido autor.

Ao longo de sua perspectiva teórica-clínica, Freud vai publicando obras que nos possibilita identificar e compreender conceitos psicanalíticos fundamentais e basilares, como o conceito de identificação.

Sobre o conceito de identificação, Freud (1923), no texto *O ego e o id*, vai dizer que inicialmente, principalmente na fase oral primitiva do indivíduo, é quase impossível fazer a distinção entre investimento do objeto e identificação. E pontua que somente bem mais tarde, mesmo que de forma imprecisa, pode se supor que o investimento do objeto advém do Isso, que sente necessidade de aspirações eróticas. Posteriormente, o indivíduo precisa abandonar o objeto de seu investimento, e o processo de identificação surge quando o Isso aceita a perda do objeto.

Desta forma, quando o objeto é perdido, para compensar essa perda o Eu introjeta traços desse objeto e adquire semelhança a este, e se impõe ele mesmo ao Id como objeto de amor.

Freud fez importantes contribuições para o conceito de identificação em sua obra *O ego e o id* (1923), considerada uma das mais influentes. Nesse livro, Freud explora a estrutura da mente humana e as dinâmicas psicológicas que moldam o comportamento. A noção de identificação desempenha um papel crucial em sua teoria do desenvolvimento psicológico e na compreensão das relações sociais.

A identificação, conforme concebida por Freud em *O ego e o id* (1923), refere-se ao processo pelo qual um indivíduo incorpora características, valores, crenças e comportamentos de outra pessoa, geralmente uma figura de autoridade, um modelo ou alguém com quem o indivíduo se identifica. Este processo de identificação é uma parte fundamental do desenvolvimento psicológico. Freud emprega a triangulação da situação edípica e da bissexualidade que é constituinte no sujeito, como princípio norteador a fim de elucidar a complexidade do processo de identificação. Também é possível perceber que Freud ao conceituar o Complexo de Édipo, vai esclarecendo que a identificação vai acontecendo à medida que o processo edípico se dissolve e durante a sua ocorrência.

Freud ao trazer conceituação acerca da identificação assevera que a primeira identificação de vida de uma criança acontece com os pais, e sobre isso afirma que esta seria primária, direta, mediata e mais antiga do que qualquer investimento objetal. A relação com o objeto nesta fase edípica é ambivalente, ou seja, ao menino nutre um amor pela mãe, e também pelo pai por identificação. Neste contexto, o pai cumpre uma função de interdição na relação integral com a mãe, e assim o menino deseja eliminá-lo, para assim, simultaneamente, ocupar seu lugar, ou seja, toma o pai como seu ideal.

A partir dessa interdição, é permitido que o Eu vá em busca de novos objetos, novas relações, promovendo a pulsão de vida, as novas articulações relacionais, que são construtivas, necessárias para que esse sujeito estabeleça novas ligações. Ademais, é a partir da dissolução do Complexo de Édipo, e da identificação com pai e mãe, que o Eu pode estruturar um ideal de Eu. O Eu sofre a influência dessas duas identificações parentais, e vai configurar a nova instância denominada por Freud como Supereu. Sobre o ideal do Eu ou Supereu Freud afirma que:

O superego<sup>4</sup> deve sua posição especial no ego, ou em relação ao ego, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego. A relação do superego com as alterações posteriores do ego é aproximadamente semelhante à da fase sexual primária da infância com a vida sexual posterior, após a puberdade. Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno — a saber, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do ego, e o ego maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego (Freud, 1996 [1923-1925], p. 25-26).

A identificação desempenha um papel importante na formação da identidade, na internalização de normas, valores sociais e culturais, e na maneira como os indivíduos constroem sua psique, bem como para formação do Supereu que representa a consciência, a imagem de como o Eu poderia ser, uma forma “aceitável” do Eu.

Sobre o ideal do Eu, Freud expôs no texto *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), indicativos do que essa formação designava, e asseverou que:

[...] lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principalmente influência na repressão. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia

---

<sup>4</sup> Destaca-se a opção pela preservação do termo original "Superego", conforme empregado por Freud, com o intuito de manter a fidelidade ao texto referenciado. É crucial notar, contudo, que, nas demais seções deste estudo, o termo atualizado "Supereu" é consistentemente utilizado, refletindo as evoluções linguísticas ao longo das traduções e edições subsequentes. Assim, a utilização de "Superego" se restringe à referência direta ao mencionado texto, ao passo que o termo "Supereu" é adotado de maneira abrangente nas demais partes desta pesquisa.

encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais (Freud, 2011 [1920-1923], p. 67-68).

Desta forma, podemos compreender que a constituição do Eu deriva das identificações parentais, e que é atravessada pela alteridade. O processo identificatório implica cisão, renúncias de prazeres próprios, na finalidade de suprir a demanda do desejo do outro que se ama. Podemos aqui afirmar que a formação do ideal do Eu é permeada pelo princípio da realidade. Assim, Poulichet (1989, p. 55) pontua que “[...] o narcisismo secundário se define como o investimento libidinal (sexual) da imagem do eu, sendo essa imagem constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos”.

Ainda sobre o conceito de identificação, Freud dedicou um capítulo considerável acerca deste tema no texto *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), trazendo considerações importantes sobre a relação do ser humano com outros, e como essas relações estão imbricadas na formação do Eu. A relação estabelecida com o outro é fundante na estruturação do Eu, porque detém as bases para que ocorram as identificações. Inicialmente neste texto Freud (2011 [1920-1923], p. 60) estabelece que “[...] a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”. Ademais, Freud retoma neste texto que a identificação desempenha papel primevo na origem do Complexo de Édipo, cuja primeira identificação do sujeito é com o pai. Para tanto, Freud afirma que:

É fácil exprimir numa fórmula a diferença entre essa identificação com o pai e a escolha do pai como objeto. No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de ser, no segundo, o que se gostaria de ter. Depende, portanto, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu. O primeiro tipo, então, já é possível antes de qualquer escolha do objeto. Bem mais difícil é fazer uma apresentação metapsicológica nítida dessa diferença. Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por “modelo” (Freud, 2011 [1920-1923], p. 62).

A partir deste conceito de identificação, Freud acrescentou que é neste processo identificatório que ocorre a formação de sintomas, quando o Eu toma para si as qualidades do objeto. Sobre isso Freud toma como exemplo uma garota pequena que desenvolve os mesmos sintomas de sofrimento da mãe, e postula que:



[...] a identificação é a mesma do Complexo de Édipo, que significa um desejo hostil de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa o amor objetal ao pai; ela realiza a substituição da mãe sob a influência da consciência da culpa: “Você quis ser a mãe, e agora o é pelo menos no sofrimento”. Este então é o mecanismo completo da formação neurótica de sintomas (Freud, 2011 [1920-1923], p. 63).

Ao longo de todo desenvolvimento do sujeito ele é atravessado por identificações, e o Eu se estrutura neste processo, buscando garantir a unidade. Neste ínterim, podemos entender que algumas identificações podem ser internalizadas ao ponto de tornar-se sólidas, quando o Eu adquire para si as características do objeto.

Deste modo, ao longo de estudos sobre os escritos de Freud foi possível compreender que este busca fazer uma “costura” entre seus textos, a fim de mostrar a fundamental importância do narcisismo como processo fundante da estruturação do Eu. A fundamentação teórica de Freud acerca do processo da estruturação do Eu seguiu sendo estudada, e possibilitou que outros teóricos pudessem corroborar com seus escritos, trazendo outras proposições, assim como fez o psicanalista francês Jacques Lacan quando nos apresentou o processo do estágio do espelho, sendo este uma nova elaboração sobre a constituição do Eu.

### 1.3 O ESTÁDIO DO ESPELHO COMO FORMADOR DO EU: CONTRIBUIÇÕES DE JACQUES LACAN

Entendemos que a Psicanálise se constitui por distintas interpretações, e é construída por desdobramentos diversos. Neste contexto, Jacques Lacan buscou através do legado freudiano, textos do referido autor para compor sua teoria sobre a estruturação do Eu.

A partir da interpretação da obra freudiana acerca da estruturação do Eu, e das novas formulações lacanianas, é permitido que compreendamos como se desenvolve esse processo, atravessado pelo que Lacan denominou como metáfora do “estádio do espelho”. Importa que saibamos que o conceito elaborado por Lacan está presente no texto *O estágio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949), e é tido como parte de sua

teoria psicanalítica. Essa metáfora é fundamental para a compreensão da formação do Eu e da identidade na psicanálise lacaniana.

Ao desenvolver sua teoria sobre estruturação do Eu, Lacan discorre no texto supracitado, que o estágio do espelho é elemento fundamental a fim de que compreendamos como sucede esta formação psíquica, a relação intrínseca com a alteridade e com a percepção que a criança possui de si mesma. Assim, buscando enriquecer sua obra, e proporcionar maiores reflexões, Lacan vai em busca de outros saberes que corroborem a sua teorização. Neste contexto, é na obra de Henri Wallon que Lacan encontra subsídios que embasam as suas constatações acerca da estruturação do Eu, com ênfase no processo do estágio do espelho. Henri Wallon (1931 *apud* Corrêa, 2020), ao elaborar o texto *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*, permite que se reflita sobre a forma como a criança se percebe quando é colocada perante ao espelho, como ela passa a interagir com a imagem projetada de si e quais efeitos causam nesta. A perspectiva de Wallon gira em torno de uma investigação sobre como se dá o desenvolvimento cognitivo da criança, o seu psiquismo. Lacan ao tomar emprestado a formulação Walloniana acaba por se afastar desta ideia, ao propor que “[...] a função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan, 1998 [1947], p. 97, grifo do autor).

O “estágio do espelho” refere-se a um momento crucial no desenvolvimento da criança, normalmente ocorrendo entre os seis e os dezoito meses de idade, quando a criança começa a perceber sua própria imagem refletida em um espelho. Lacan acredita que esse momento tem implicações profundas para o desenvolvimento da identidade e da subjetividade.

Lacan argumenta que, quando a criança vê sua imagem refletida no espelho, ela experimenta uma sensação de unidade e totalidade. Antes desse momento, a criança não tem uma noção clara de si mesma como um sujeito separado do mundo exterior. No entanto, ao ver sua própria imagem no espelho, ela percebe uma imagem completa e unificada que se assemelha a uma imagem idealizada do eu. Essa experiência gera uma sensação de identificação com essa imagem e um desejo de ser como a imagem no espelho.

No entanto, Lacan também enfatiza que essa identificação inicial é ilusória. A criança não é realmente essa imagem no espelho, e a realidade de sua existência

é muito mais fragmentada e incompleta. Essa lacuna entre a imagem idealizada e a realidade do eu gera uma tensão que persiste ao longo da vida. O eu, na visão de Lacan, é uma construção complexa e em constante evolução, influenciada pela cultura, pela linguagem e pelas demandas sociais. Consoante a isso, Sales (2005) propõe que:

A saída para a angústia do despedaçamento é então a identificação com essa imagem especular cuja “Gestalt” é responsável pela condução do processo de constituição do “eu”, saída que é, no entanto, ilusória, pois vem alicerçada sobre um fundo inapelável de alienação. Ocorre que essa imagem primeira jamais pode constituir um reflexo fiel: ela informa uma unidade subjetivamente inexistente (Sales, 2005, p. 116).

Lacan desenvolveu uma perspectiva que difere em alguns aspectos das concepções tradicionais de Freud sobre o Eu, porém, parte do pressuposto teórico freudiano de que a estruturação do Eu não advém de uma ordem natural e biológica, mas que se constitui pelos atravessamentos relacionais, e pela relação com a alteridade. Assim, a formação do Eu segundo Lacan, é resultado das relações estabelecidas consequentemente pela criança, e que a metáfora do estágio do espelho é um momento, uma experiência constatável, porém não se restringe apenas a isso. Sobre o processo do estágio do espelho Lacan assevera:

Basta compreender o estágio do espelho como uma *identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (Lacan, 1998 [1949], p. 94, grifo do autor).

Assim, Lacan, ao elaborar o conceito do estágio do espelho, argumentou que, à medida que a criança se identifica com a imagem no espelho, ela também se aliena de sua verdadeira natureza. Isso cria uma divisão entre o eu imaginário e o eu real, o que pode levar a um sentimento de falta e inadequação. O conceito do “eu imaginário”, está relacionado à imagem que uma pessoa tem de si mesma. Lacan (1998 [1949]), argumentou que essa imagem do eu é moldada por influências externas, incluindo a percepção que os outros têm de nós. O Eu imaginário é muitas vezes uma construção idealizada e narcisista. A partir da experiência que a criança tem ao ser colocada de frente ao espelho, esta passa a entender que se trata de outra criança, e de imediato não se reconhece nesta imagem. Ela vai tentar interagir com essa imagem, imaginando se tratar de outra criança, em princípio sentirá uma

certa estranheza, mas tentará de alguma forma tocar, por vezes olhar atrás do espelho na expectativa de encontrar e tocar fisicamente esse outro ser humano.

Lacan define como júbilo, o momento em que a criança vê a imagem refletida no espelho e afirma que:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, sua função de sujeito (Lacan, 1998 [1949], p. 94, grifo do autor).

Dessa forma, é a partir da mediação do Outro que a criança vai poder se reconhecer na imagem refletida no espelho, e assim adquirir o re(conhecimento) da sua totalidade corporal. É pelo reconhecimento do Outro e pela constatação que a criança faz da imagem refletida no espelho de que trata-se de si mesmo, que a estruturação do Eu está atravessada, ou seja, a formação do Eu está permeada pela alienação no discurso do Outro. Assim, o Eu se aliena no discurso do Outro, porque compreende que completa as demandas desse Outro.

Dessa forma compreendemos que a formação do Eu emerge a partir do externo. Mesmo antes de nascer essa criança já faz parte do discurso dos pais, porém, somente ao nascer que a imagem desse bebê é construída e passará a ser estruturada, gerando posteriormente a identificação da mesma. É pelo olhar do Outro que a criança se reconhece e se identifica, pelo campo da linguagem e da mediação que vai sendo possível encontrar significantes onde o infante criará identificações. Sobre o processo do estágio do espelho banhado pelo discurso e pela mediação do Outro, Lacan assevera que:

[...] esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural - passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (Lacan, 1998 [1934], p. 98).

Sobre a alienação da criança frente a sua imagem refletida no espelho, Lacan (1998 [1949], p. 113), afirma que “[...] essa relação erótica em que o indivíduo

humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, aí está a energia e aí está a forma de onde se origina a organização passional que ele chamará de seu eu”. A conjuntura proposta por Lacan sobre o estágio do espelho, identifica que a criança ao se olhar no espelho não reconhece que o que vê é ela própria. Assim, Lacan propõe que o espelho está ligado ao momento autoerótico da criança, e que esta não possui capacidade de diferenciação.

Vale acrescentar que a teoria de Freud sobre o narcisismo já denunciava que “[...] os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (Freud, 2010 [1914-1916], p.19). Nesse ínterim, a teoria de Lacan se coaduna com a teoria de Freud acerca da estrutura do Eu, no ponto em que propõe que uma intervenção deve ocorrer para que a instância do Eu seja estruturada e assim a partir da metáfora do estágio do espelho constrói essa formulação. Ademais, Lacan aponta que é através dos atravessamentos da alteridade que a estruturação do Eu se cristaliza.

Por fim, Lacan propõe que o “Eu se origina no espelho; o Outro é um espelho; e que é a ordem da linguagem, ordem simbólica, que sustenta o narcisismo, organizando uma mediação entre o eu e o semelhante” (Poulichet, 1989, p. 61).

Sobre o narcisismo, Lacan retoma esse conceito no *Seminário 2* (1977) sobre o Eu, e afirma que “[...] para que se estabeleça uma relação com o objeto do desejo, é preciso que haja uma relação narcísica do eu com o outro” (Poulichet, 1989, p. 61). Desta forma o narcisismo representa uma condição para que o desejo dos outros se inscrevam, assim como os significantes. Sobre a inscrição dos significantes Lacan propõe que:

Uma definição possível do significante, entre outras, seria esta: um elemento de uma cadeia de linguagem onde o desejo do outro se inscreve. E a imagem do corpo fornece o quadro das inscrições significantes do desejo do outro. A imagem do corpo representa o primeiro ponto de engate dos significantes e, inicialmente, dos significantes da mãe. O modo como eles se inscrevem, sobretudo a sucessão das identificações, determina as modalidades segundo as quais se farão as flutuações libidinais (Poulichet, 1989, p. 61-63).

Portanto, após apresentar as proposições trazidas por Lacan acerca da estruturação do Eu, percebemos quão enriquecedora foi sua teorização, e o quanto

ela enriquece o que já havia sido proposto por Freud. Tudo o que aqui foi exposto denota que a proposição de Lacan é fundamentalmente significativa, pois acrescenta novas elaborações sobre o advento do Eu.

## 2 NARCISISMO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE UM FENÔMENO CARACTERÍSTICO DO LAÇO SOCIAL

O primeiro capítulo deste trabalho investigou as origens do termo “narcisismo” e sua relação com a construção do Eu, sob a perspectiva de Sigmund Freud e Jacques Lacan. A partir desse entendimento podemos perceber que se trata de um atributo natural do sujeito, e está diretamente ligado ao desenvolvimento da libido.

Neste segundo capítulo, iremos adentrar nas reflexões sobre o narcisismo contemporâneo e sua influência no tecido do laço social. O termo "narcisismo" transcendeu sua origem mitológica e adquiriu novos significados e relevâncias em nossa sociedade atual. Neste contexto, abordaremos o conceito de narcisismo na contemporaneidade, suas manifestações na cultura, bem como seus efeitos nas relações interpessoais e na formação do sujeito no século XXI. Para pensar o narcisismo na contemporaneidade abordaremos e analisaremos sob a ótica sociológica alguns textos, cujos autores fundamentam teoricamente essa temática, a exemplo de escritos do autor Zygmunt Bauman, entre outros autores e artigos.

A sociedade contemporânea vive intensamente um momento exacerbado da valorização do próprio eu. Uma era cujo imediatismo, egoísmo e indiferença ao próximo é predominantemente acentuado, evidenciando assim condutas narcísicas que se coadunam com o Narcisismo proposto por Freud (1914) em seu texto *Introdução ao narcisismo*. No entanto, estas condutas narcísicas citadas são consideradas “normais” na sociedade contemporânea, o que nos convoca a refletir sobre esse comportamento, que por vezes pode conter indícios de uma fragilização do tecido social e uma alteração no campo psíquico do sujeito. Ademais, há uma certa banalização destas condutas narcísicas pela sociedade contemporânea, o que corrobora para que se intensifique o desenvolvimento de uma subjetividade marcada pela supervalorização do Eu. De acordo com Bauman (2001), as pessoas parecem ter grande dificuldade em estabelecer relações sólidas, inclusive no campo afetivo, assim a importância do indivíduo na vida do outro, pode se tornar efêmera.

A contemporaneidade evidencia nuances de uma nova configuração subjetiva, onde o sujeito é atravessado pelo sentimento de vazio, que por vezes é preenchido com a superficialidade de objetos e relações interpessoais frágeis. Assim, cada vez mais se observa a fragilização nas relações sociais

contemporâneas, cujo sujeito sente-se satisfeito em estar na sua própria companhia, isolado em seu “mundinho” interior. Diante disso, podemos perceber que há uma nova construção subjetiva, pautada ao que é efêmero, fugaz, ao individualismo. De acordo com essa perspectiva, acredita-se que:

Na contemporaneidade há o desinvestimento no mundo externo. O problema no laço social é a impossibilidade que as pessoas têm hoje de investir na realidade e no outro. As pessoas ficam presas às fantasias e em si mesmas, no individualismo. O que é bem próximo do Narcisismo proposto por Freud (Ferreira; Barbosa, 2018, p. 101).

Neste sentido, compreendemos que há uma negação do mundo externo, uma fluidez nas relações e conseqüentemente um enfraquecimento do laço social, além de uma fragilização subjetiva. Consoante, Ullrich e Rocha (2019, p. 44) acreditam que se “[...] pode compreender que houve uma notória mudança nos quadros clínicos, principalmente, no que se refere aos impasses psíquicos. Na contemporaneidade, evidencia-se uma nova configuração subjetiva”. Diante disso, grande parte dos sintomas neuróticos clássicos foram substituídos e:

[...] deram lugar às desordens narcisistas que são mais coerentes com uma sociedade permissiva e também mais eclética em suas manifestações, como a que vivemos na atualidade. Os pacientes não sofrem tanto de sintomas fixos e exuberantes em sua forma, mais, sim, de perturbações vagas, sentimento de vazio e uma queixa frequente que se reflete na incapacidade de sentir as coisas e as pessoas (Lazzarini; Viana, 2010, p. 270).

As transformações na sociedade ao longo do tempo ganharam novos contornos, onde a superficialidade das relações, o sofrimento psíquico e algumas desordens de caráter se sobressaem. Há uma fragilização do sujeito contemporâneo, razão pela qual afirma Gutfreind (2010, *apud* Bertonzzin, 2006, p. 16) de que “são tempos difíceis para a sobrevivência psíquica”.

As novas configurações subjetivas estão atravessadas por um sofrimento psíquico permeadas por um sentimento de vazio interior, que parece estar relacionado com o campo do desamparo primordial, e isto se aproxima muito do que foi proposto por Freud acerca do narcisismo em 1914. Sobre essa nova configuração subjetiva do sujeito contemporâneo pode-se pensar que “[...] as configurações subjetivas contemporâneas tendem a apresentar um sujeito que traz um sofrimento psíquico que parece estar relacionado a conflitos neuróticos



clássicos, regulados pela lógica da castração e do desejo” (Lazzarini; Viana, 2010, p. 270). De acordo com a afirmação de Lazzarini e Viana (2010), os tradicionais sintomas neuróticos foram substituídos por conflitos contemporâneos, e definem que:

[...] a maioria dos sintomas neuróticos clássicos que correspondem e grande parte a uma sociedade mais repressiva, tirânica, autoritária e puritana, deram lugar às desordens narcísicas que são mais coerentes com uma sociedade que é permissiva e também mais eclética em suas manifestações, como a que vivemos na atualidade (Lazzarini; Viana, 2010, p. 270).

Na esfera das relações sociais contemporâneas percebemos uma fragilização e um esfacelamento que compromete a solidez desses laços. Percebemos que a sociedade atual passa por intensas mudanças, e que se trata de um momento histórico que por vezes impactará profundamente o futuro das próximas gerações. Há um desinvestimento do mundo externo, onde tanto as relações com os objetos, quanto as relações interpessoais se tornou fugaz, superficial. Tudo gira em torno de uma incessante busca pelo prazer imediato, em curto período de tempo, o que gera uma ansiedade pelo novo, pelas exigências de uma sociedade que prima por padrões de “ideais”, onde aqueles que não se “enquadram” nesses modelos impostos e fomentados pelos meios de comunicação, são excluídos, descartados. Neste contexto, sobre os padrões exigidos pela sociedade atual percebe-se que:

Esses padrões são fomentadores dos estilos de vida e da tecnologia, através dos meios de comunicação, que proliferam padrões “ideais” de vida a serem seguidos. Tais padrões são as “ignições” que movimentam o comércio e estimulam o desinvestimento no mundo externo. O que significa dizer que, os objetos tornam-se obsoletos em um prazo muito curto, surgindo assim, a necessidade de investir em outro objeto, que tão logo será deixado de lado (Ferreira; Barbosa, 2018, p. 100).

Um dos aspectos que constrói a subjetividade do sujeito é o meio social e cultural em que está inserido, em uma sociedade extremamente consumista, essa subjetividade acaba sendo moldada pela cultura do consumo, onde o valor do sujeito é medido pelo o que ele possui, pela escolha dos produtos que adquire, gerando um constante mal estar no mesmo, visto que, precisa buscar incessantemente as tendências do momento para não ser rejeitado, ou até mesmo excluído socialmente. Diante disso, observamos uma sociedade que busca incessantemente tamponar as

sensações de vazio e sentimentos profundos de baixa autoestima, pelo prazer imediato.

Podemos constatar que cada vez mais a insatisfação pessoal e o vazio existencial têm contribuído para o consumo voraz, desenfreado e desmedido dos indivíduos na sociedade contemporânea, que buscam diminuir o mal-estar causado pelo convívio social, porém, conforme Freud, esse sentimento é inerente ao sujeito, enquanto pertencente a civilização. Assim, o sujeito contemporâneo se vê ameaçado pelas novas exigências sociais, que o convocam para uma busca pela perfeição, status, felicidade e eficiência. Nestes termos, uma nova subjetivação se anuncia na civilização contemporânea, encontrando um terreno fértil para prosperar, cujos indivíduos tocados por esse *modus operandi* estão cada vez mais ensimesmados. Falamos aqui de uma subjetivação mais narcísica. Assim, Lazzarini e Viana (2010) esclarecem que o sujeito contemporâneo:

Configuram sua subjetividade baseada numa falta de apoio interno necessária a uma vivência plena, característica de uma carência de natureza narcísica oriunda de falhas nas etapas de desenvolvimento mais precoce, portanto, anterior ao desenvolvimento do complexo edípico e a vivência da castração, no sentido freudiano. Acrescido a isso, esses indivíduos parecem não encontrar na cultura respaldo e amparo necessários para conseguir superar suas dificuldades (Lazzarini; Viana, 2010, p. 271).

A respeito desse novo paradigma do indivíduo contemporâneo, é pertinente destacar que estamos lidando com um ser humano mais centrado em si mesmo, voltado para o momento atual, cujas perspectivas de futuro esbarram na dificuldade de desfazer a “fusão” que estabelecem com os outros.

Em busca de discutir o atravessamento do narcisismo atrelado às relações sociais contemporâneas, é importante mencionar que a ausência de empatia pode apresentar-se como uma característica inerente ao narcisismo em suas relações. Em consonância se faz presente a utilização de outros indivíduos, em decorrências de ganhos e necessidades especiais, a fim de sentir-se eminente frente as pessoas, assim, apresenta uma indisposição para entender ou enxergar o outro (Ullrich; Rocha, 2019).

Dentro das relações contemporâneas, evidencia-se uma subjetividade mais narcísica. É importante evidenciar que a sociedade vem sofrendo modificações e cada vez mais as pessoas apresentam condutas narcisistas, como por exemplo a fluidez de valores, fragilidade das relações sociais, futilidades dos laços afetivos,

individualidade, egoísmo e a ausência de empatia em contraposição ao investimento no próprio eu (Ullrich; Rocha, 2019). De acordo com Kegler (2006 *apud* Ullrich; Rocha, 2019, p. 44) nota-se que “[...] o impacto desta evolução produz configurações subjetivas fundamentalmente frágeis, seguindo uma lógica narcísica de onipotência e de não referência ao outro”.

Outro ponto a ser analisado tratando-se do narcisismo contemporâneo e o desdobramento nas relações sociais, está na razão de que a atual cultura vive a ausência de limites, assim como as pessoas narcisistas não medem esforços e nem consequências para obter o que desejam (Ullrich; Rocha, 2019).

Essa forma de funcionamento do sujeito na contemporaneidade se assemelha ao modo como se dá o funcionamento do narcisismo primário. No qual o outro é apenas quem satisfaz os desejos do Eu. Assim, é possível também supor que, na contemporaneidade acontece o empobrecimento do Eu, o que acaba por resultar na impossibilidade de pensar no próximo como alguém que possa lhe trazer satisfação. Provocando dificuldades nas relações externas, as quais estão empobrecidas e esvaziadas de sentimentos (Ferreira; Barbosa, 2018, p. 102).

Conforme Kegler (2006), o sujeito contemporâneo vive a ausência de limitações e, sente-se livre para agir de acordo com os seus próprios desejos, assim pontua que:

[...] não há mais limites à satisfação. Estamos na cultura do *carpe diem*, do momento, do imediatismo, numa intensa despreocupação com a duração das coisas. O que vale é o prazer imediato. Esta supervalorização do presente produz a permanente busca por prazeres evasivos e fugazes que, assim que forem apreendidos, já escapam. O prazer é, então, assim como a contemporaneidade, fluido (Kegler, 2006 p. 16).

No que tange a fluidez das relações contemporâneas, o significado subjacente reside na rápida obsolescência dos objetos, impondo, por conseguinte, a imperatividade de investir em substitutos, os quais, por sua vez, sucumbirão ao desuso em um período efêmero. Paralelamente, essa dinâmica de transitoriedade espelha-se nas relações interpessoais, tal se observa na interação com bens de consumo. Assim, no processo interativo com o outro não há reciprocidade ou envolvimento, sequer disponibilidade de tempo e energia para dedicar-se à relação interpessoal. O indivíduo é tratado como mero produto consumível (objeto), que por vezes é utilizado e tão logo descartado. Urge refletir o tempo da liquefação das

relações, dos valores, dos afetos, da perda de referências e a deterioração da percepção do que é realmente prioritário e essencial para o sujeito social.

Na perspectiva freudiana, o Narcisismo é caracterizado como um tipo de canalização de energia libidinal, podendo ser direcionado para o outro quanto para o próprio indivíduo. A abordagem contemporânea das relações e a teoria psicanalítica, ao considerar o Narcisismo como fenômeno primordial, revelam que o mundo externo não é alvo desse investimento, uma vez que a satisfação ocorre no corpo próprio e por meio da fantasia.

Assim, Ferreira e Barbosa (2018) apontam que na contemporaneidade existe um desinvestimento no mundo externo, ou seja, o problema no laço social é a impossibilidade que as pessoas costumam possuir nos dias de hoje de investir na realidade e no outro. As pessoas passam a focar apenas em fantasias e em si, sendo cada vez mais individualistas, esse pensamento é próximo do que é proposto por Freud (2010 [1914]), sobre o Narcisismo.

Diante disto, Ferreira e Barbosa expressam que:

[...] os estudos o conduziram para outros caminhos, chamando a atenção de Freud para além das pessoas portadoras de distúrbios, as quais apresentavam características do Narcisismo, como também, para algumas características peculiares do Narcisismo, que se encontravam no desenvolvimento normal de todas as pessoas (Ferreira; Barbosa, 2018, p. 94).

Portanto, os autores concordam que algumas características narcisistas estão presentes no comportamento social, e se tornam comuns no desenvolvimento humano.

O que se observa na contemporaneidade é o empobrecimento do Eu, um desinvestimento nas relações interpessoais, o que resulta numa incapacidade de pensar o outro como sujeito que provoque satisfação contínua. O modo como o sujeito contemporâneo opera se assemelha muito à dinâmica do narcisismo primário, onde o papel do outro se limita a satisfazer os desejos do Eu. Diante disso, observamos na atualidade relações empobrecidas, esvaziadas de sentimentos, precarização de afetos, produto da fragilização subjetiva do sujeito contemporâneo, onde o outro é substituível tal qual os objetos.

No que tange ao sujeito contemporâneo e a sua relação com o outro, podemos fazer uma inter-relação ao conceito lacaniano do estádio do espelho. O

conceito de "estádio do espelho" de Lacan é fundamental para a compreensão do desenvolvimento do eu na psicanálise. Esse estágio refere-se a um momento crucial na formação da identidade, quando a criança reconhece a própria imagem no espelho e começa a desenvolver uma noção de si mesma como um ser separado e distinto dos outros. Essa experiência é significativa porque representa o surgimento do eu como uma identidade unificada, mas também é marcada por uma alienação fundamental.

Ao conectar o estágio do espelho ao novo sujeito contemporâneo, podemos explorar como as mudanças sociais, tecnológicas e culturais afetam a formação da identidade nos dias de hoje. No contexto contemporâneo, as pessoas muitas vezes constroem e expressam suas identidades através das redes sociais e plataformas digitais. O feedback instantâneo desses espaços pode influenciar a forma como as pessoas percebem a si mesmas, assim como a interação com a própria imagem no espelho pode influenciar a percepção de si na teoria de Lacan.

Lacan argumenta que o Eu é construído a partir de uma série de imagens fragmentadas, e esse aspecto pode ser relacionado à ideia de identidade fragmentada no mundo contemporâneo. As pessoas muitas vezes vivenciam múltiplos papéis e identidades em diferentes contextos, especialmente online, o que pode levar a uma sensação de desconexão ou multiplicidade. A cultura das selfies pode ser vista como uma extensão do estágio do espelho. Ao tirar selfies e compartilhá-las nas redes sociais, as pessoas buscam validação e reconhecimento, semelhante à busca de reconhecimento que ocorre no estágio do espelho. A autopercepção e a forma como os outros respondem à imagem que compartilhamos podem desempenhar um papel na construção da identidade.

A distinção entre o virtual e o real é cada vez mais tênue na sociedade contemporânea. O estágio do espelho pode ser reinterpretado à luz da interação entre o eu "real" e o eu projetado ou idealizado online. Ao fazer essas conexões, é importante reconhecer as complexidades e nuances envolvidas na formação da identidade contemporânea.

Bauman (2001) sinaliza para uma modernidade líquida, uma era de vida instantânea, de fluidez nas estruturas sociais, culturais e econômicas. Uma das características principais da modernidade líquida é a volatilidade das relações humanas, a ausência de comprometimento duradouro, além das incertezas em várias áreas da vida. Acrescido a isso, as rápidas mudanças sociais, afetam a

sociedade num todo além de gerar crises identitárias. Conforme Bauman (2001), as sensações potenciais sem limites ocupam agora o espaço que costumava ser preenchido nos sonhos pela extensão infinita. Além disso, o autor pontua que:

A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento - por mais breve e "fugaz" que seja (Bauman, 2001, p. 145).

A partir dessa reflexão de Bauman (2001), podemos entender que o sujeito contemporâneo se relaciona com o outro da mesma forma com que interage com os objetos, ou seja, sob uma ótica fluída, instantânea, sem duração de longo prazo, alheia a profundidade, onde a intensidade se dá no ato, para tão logo tornar-se obsoleta. É uma época tocada pelo transitório e naturalizada pelo *carpe diem* (colha o dia; viva o momento; desfrute o presente), onde os objetos ganham status de "transitórios", a fim de serem usados, consumidos, e tão logo desaparecerem no processo de seu consumo.

Ao considerarmos a reflexão proposta por Bauman (2001), acerca da vida instantânea, podemos traçar uma linha tênue com o momento pelo qual a sociedade contemporânea está atravessada, e por vezes associar o comportamento do novo sujeito social ao narcisismo proposto por Freud (1914).

A nova instantaneidade do tempo trouxe consigo um novo modelo de sujeito, cujo narcisismo está fortemente evidenciado na cultura e por vezes na política. Vivemos em uma era marcada pela exposição constante nas redes sociais, onde a busca por validação e reconhecimento é um traço distintivo. O narcisismo cultural é evidenciado pela obsessão por selfies, pela idealização da imagem e pela busca incessante por likes e seguidores. Essa dinâmica também se estende à política, onde líderes carismáticos muitas vezes utilizam técnicas narcisistas para conquistar seguidores, polarizando a sociedade e minando a confiança nas instituições democráticas.

O narcisismo contemporâneo também afeta as relações interpessoais. A ênfase na autopromoção e na busca incessante por gratificação imediata pode prejudicar a capacidade de empatia e de conexão com os outros. As redes sociais podem levar ao isolamento, à superficialidade nas relações e à competitividade

exacerbada. Neste contexto, o narcisismo influencia a formação dos laços sociais e as dinâmicas relacionais.

A presença do narcisismo na sociedade contemporânea levanta questões cruciais sobre a formação do sujeito no século XXI. Como o indivíduo constrói sua identidade e se relaciona com o mundo quando a cultura do narcisismo é tão predominante, e quais são os efeitos psicológicos desse fenômeno?

Para responder a primeira questão recorreremos a Debord (2003, p. 12), no qual pontua que vivemos numa “sociedade do espetáculo”, que visa a afirmação da aparência, “[...] o que aparece é bom, o que é bom aparece”, e que sua função é chegar nele próprio. O autor salienta a questão do “ter” em vez do “ser”: carro, casa, roupas, tênis de grife, dinheiro, um ciclo viciante que o importante é dar-se para olhar. Numa sociedade capitalista onde o “ter” se sobressai ao “ser” há um estímulo aos comportamentos narcísicos, numa busca de exposições constantes.

De acordo com Debord (2003), o espetáculo cria novas formas de se ver um mundo que já não se mostra de fácil apreensão, colocando a visão no patamar de um sentido humano privilegiado, se remetendo ao prazer da escopofilia/exibicionismo trazido por Freud (1996 [1905]). Quando a cultura do narcisismo é predominante, a formação da identidade individual pode ser afetada, principalmente quando a sociedade promove valores e comportamentos narcísicos.

Os comportamentos narcísicos na atualidade podem ser evidenciados pela ênfase excessiva na imagem pessoal em redes sociais, e na busca constante pela validação externa, a fim de colocar os próprios desejos e interesses acima dos outros. Através das redes sociais os sujeitos vão constituindo sua subjetividade através do espelho proporcionado por uma vida de exposição constante. De acordo com Kallas (2016), o sujeito transforma seus desejos em imagens, alcançando relações que são sustentadas narcisicamente, ou seja, a partir da exposição e do reconhecimento. Nesse contexto, a relação que o sujeito estabelece com o outro será superficial e fugaz, visando apenas a satisfação do próprio eu.

Para Rodrigues (2022), há uma linha tênue entre o estilo de vida contemporâneo e o narcisismo, assim, devido a sua liquidez e aos frágeis laços sociais estabelecidos, a sociedade atual torna-se um agente potencializador do narcisismo patológico. O autor citado também pontua que outra característica que assemelha a sociedade contemporânea do narcisismo é a ausência de empatia e

uma indiferença com o outro, uma priorização do Eu, além da mais frequente utilização de outras pessoas para atingir objetivos.

A formação do sujeito no século XXI é influenciada por uma variedade de fatores, e a compreensão do papel do narcisismo nesse processo é apenas uma parte da equação. Observamos que a cultura digital, redes sociais, cultura do consumo, pressões sociais, expectativas, individualismo, influência midiática, são fatores que podem contribuir para a emergência de traços narcísicos no sujeito contemporâneo. Entretanto, é importante notar que nem todos os indivíduos na sociedade contemporânea desenvolvem traços narcisistas, e muitos são capazes de equilibrar uma autoestima saudável com uma consideração pelos outros.

No que tange aos efeitos psicológicos do fenômeno narcisismo na atualidade, Kallas (2016), pontua que há uma nova formação sintomática no sujeito contemporâneo atravessado pelo empobrecimento do Eu. Conforme Montes aponta:

Os novos sintomas seriam uma expressão mais direta das pulsões. Os sintomas ditos contemporâneos estariam relacionados a esse empobrecimento da capacidade de simbolização e de associação por parte do sujeito, remetido ao tempo presentificado da compulsão e à narrativa literal do esvaziamento subjetivo, justificados pelo contexto social em que vivemos (Montes, 2012 *apud* Kallas, 2016, p. 60).

Assim, podemos analisar que vivemos uma época histórica, e como todo tempo deixa marcas e marcos, é necessário que olhemos para a cultura de nossos tempos e tudo o que ela produz a fim de podermos compreendê-la.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria do narcisismo de Sigmund Freud é uma parte fundamental de sua obra, oferecendo insights valiosos sobre a formação do Eu na psique humana. O autor descreveu o narcisismo como um estágio normal do desenvolvimento infantil, no qual a criança tem um amor especial por si mesma, antes de direcionar esse amor para outros objetos. Ao longo do desenvolvimento, Freud argumentava que o Eu se desenvolve a partir do narcisismo primário, no qual a criança vê a si mesma como o centro do universo.

Freud (1914) aponta que com o tempo, o sujeito aprende a direcionar esse amor próprio para objetos externos, formando relações interpessoais e contribuindo para a estruturação da personalidade.

Jacques Lacan, contemporâneo de Freud, contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento do Eu com sua teoria da metáfora do “estádio do espelho”. Segundo Lacan, o estágio do espelho ocorre quando um bebê, por volta dos seis meses de idade, se vê no espelho e reconhece a imagem refletida como uma totalidade unificada. Esse momento é crucial para a formação do Eu, pois marca a transição do corpo fragmentado para uma identidade mais coesa.

A metáfora do estágio do espelho destaca a importância da imagem especular na formação do Eu e na construção da identidade. Lacan argumenta que esse momento inicial de reconhecimento proporciona ao sujeito uma sensação de unidade e completude, embora essa unidade fosse ilusória. A partir desse momento, o indivíduo buscaria constantemente essa unidade perdida ao longo de sua vida, muitas vezes através de identificações e relacionamentos.

A teoria do narcisismo de Freud e a contribuição de Lacan com a metáfora do estágio do espelho destacam a complexidade e a dinâmica do processo de formação do Eu. Ambos os teóricos ressaltam a importância dos estágios iniciais do desenvolvimento na configuração da identidade, e como as experiências nesses estágios influenciam as interações sociais, as relações afetivas e a busca contínua por um senso de integridade pessoal ao longo da vida.

Destacamos aqui a complexidade das reflexões sobre o narcisismo contemporâneo e suas implicações no tecido do laço social. Ao longo desta pesquisa, exploramos as origens do termo “narcisismo” à luz das teorias de Freud e

Lacan, compreendendo-o como um atributo natural do sujeito, intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da libido.

No contexto contemporâneo, o narcisismo adquire novos contornos, transcende sua origem mitológica e se manifesta de maneiras diversas na sociedade atual. Observamos uma intensificação da valorização do eu, marcada pelo imediatismo, egoísmo e indiferença ao próximo. Condutas narcísicas, que seriam consideradas anômalas em outras épocas, tornam-se normais na sociedade contemporânea, refletindo uma fragilização do tecido social e uma alteração no campo psíquico do sujeito.

A banalização dessas condutas contribui para a construção de uma subjetividade marcada pela supervalorização do eu, onde as relações afetivas sólidas tornam-se desafiadoras. Há uma negação do mundo externo, uma fluidez nas relações e um enfraquecimento do laço social, resultando em uma configuração subjetiva atravessada pelo sentimento de vazio.

As transformações na sociedade ao longo do tempo levam a uma nova configuração subjetiva, na qual o sujeito contemporâneo é impactado pelo vazio interior, buscando preenchê-lo com objetos e relações superficiais. Os sintomas neuróticos clássicos são substituídos por desordens narcísicas mais coerentes com uma sociedade permissiva e eclética.

A cultura do consumo, a busca incessante por prazer imediato e a supervalorização do presente contribuem para a fragilização do sujeito contemporâneo. A insatisfação pessoal e o vazio existencial impulsionam um consumo voraz, desenfreado e desmedido na tentativa de aliviar o mal-estar causado pelo convívio.

A relação entre o narcisismo contemporâneo e as relações sociais é marcada por uma falta de empatia, pela utilização de outros indivíduos para satisfazer necessidades e pelo desrespeito às limitações. A ausência de comprometimento duradouro nas relações, a superficialidade e a competitividade exacerbada são características da sociedade contemporânea.

A influência das redes sociais na formação da identidade é notável, conectando-se ao conceito lacaniano do estágio do espelho. A busca por validação e reconhecimento online reflete a dinâmica do narcisismo, e a distinção entre o virtual e o real torna-se tênue. A sociedade contemporânea vive uma era de instantaneidade, fluidez nas relações e ausência de compromissos duradouros.

Além disso, a cultura do espetáculo, conforme destacada por Debord, reforça a importância da aparência sobre o ser, contribuindo para a exposição constante e a busca por reconhecimento. O narcisismo cultural é evidenciado pela obsessão por selfies, pela idealização da imagem e pela busca por validação externa.

Bauman nos apresenta a modernidade líquida, uma era de fluidez nas estruturas sociais e incertezas, contribuindo para a volatilidade das relações humanas. O narcisismo contemporâneo se manifesta na cultura do *carpe diem*, na busca por prazeres evasivos e fugazes. O narcisismo também afeta as relações interpessoais, prejudicando a empatia e a capacidade de conexão com os outros. Assim, os efeitos psicológicos do narcisismo contemporâneo são evidentes na formação sintomática do sujeito contemporâneo, refletindo o contexto social que vivemos.

Ao finalizar essa pesquisa, percebemos que o narcisismo contemporâneo é um fenômeno complexo e multifacetado, com ramificações profundas na formação do sujeito no século XXI. A sociedade atual enfrenta desafios significativos relacionados à busca incessante por validação, à superficialidade nas relações e à falta de comprometimento duradouro. A compreensão desses aspectos é essencial para analisar e abordar as transformações na subjetividade e no laço social na contemporaneidade.

Concluimos este trabalho ao analisar como o narcisismo contemporâneo produz implicações na subjetividade humana e nas interrelações sociais, principalmente sobre um mundo em que a selfie tornou-se um símbolo. A reflexão sobre o narcisismo como fenômeno social contemporâneo revela não apenas uma busca incessante pela validação externa, mas também lança sombras sobre o futuro das relações interpessoais, desafiando a profundidade da conexão humana em um cenário onde o reflexo no espelho digital muitas vezes obscurece a verdadeira essência do eu e do outro.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BERTONZZIN, Marcel Henrique. **O sujeito contemporâneo no discurso de alguns autores da psicanálise**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-08112016-105847/publico/BERTONZZIN\\_corrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-08112016-105847/publico/BERTONZZIN_corrigida.pdf) . Acesso em: 02 nov. 2023.

CORRÊA, Crístia Gonçalves Lopes; SIMANKE, Richard Theisen. O legado walloniano em Lacan: o estágio do espelho e a prematuração. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 40, p. 1-15, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003201009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Wq97SrTYskt38z5cVY7TGzN>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. [S.l.]: Coletivo Periferia e Ebooks Brasil, 2003. 169 p. E-book digitalizado. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FERREIRA, Paula Naiana Heydt; BARBOSA, Mônica Adriane. Narcisismo e laço social: um estudo sobre as subjetividades contemporâneas. **Pontes**, Paranaíba, v. 1, n. 1, p. 88-106, out. 2018. ISSN 1808-6462. Disponível em: <http://revistapontes.com.br/wp-content/uploads/2018/02/6.-Paula-Naiane-e-Monica-Barbosa.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Freud Obras Completas Volume 12). Tradução e notas: Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 376 p. (Freud Obras Completas volume 10). Tradução e notas: Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e Outros Trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 360 p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Volume 19).

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 352 p. (Freud Obras Completas volume 15). Tradução e notas: Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu (1913)**. Porto Alegre: L & PM, 2013. 256 p. (Obras de Sigmund Freud).

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 nov. 2023.

KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica**: novas configurações subjetivas na contemporaneidade. 2006. Monografia. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, [S.l.], v. 28, n. 2, p. 269-280, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6146>. Acesso em: 02 nov. 2023.

POULICHET, Sylvie Le. O conceito de narcisismo. *In*: NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. Cap. 3. p. 47~74. Tradução: Vera Ribeiro.

RODRIGUES, Fabiano de Abreu Agrela. Cultural narcissism: mental health damage. **International Journal Of Health Science**, [S.l.], v. 2, n. 44, p. 1-9, 2022.

<Http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.1592442202084>. Disponível em:

<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/cultural-narcissism-mental-health-damage>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do Departamento de Psicologia**: UFF, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 113-127, jan/jun. 2005. <Http://dx.doi.org/10.1590/s0104-80232005000100009>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/tj9BF4SPqhKFtqcD6YxbJQP/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 02 nov. 2023.

ULLRICH, Amanda; ROCHA, Guilherme Aparecido da. A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. **Cadernos da Fucamp**, [S.l.], v. 18, n. 36, p. 35-50, 2019. Disponível em:

<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2040>. Acesso em: 02 nov. 2023.